

Joyce entre nós

Sonia Borges

Resumo

Neste trabalho, buscamos discutir a singularidade do nó, quando se trata do caso Joyce. Lacan insiste, no seminário *O sinthoma*, que o imaginário é o corpo e que a imagem, ainda que confusa, que temos de nosso corpo é relativa. E em Joyce, a partir de sua autobiografia, vê asco pelo próprio corpo. Por isso, só restaria ao imaginário cair fora, deslizar como “casca de fruta madura”. O imaginário, nesse nó, “não está enodado borromeamente ao que faz cadeia com real e inconsciente”, diz Lacan, já que Joyce não se identifica com seu corpo, não ama seu corpo. Lacan está realçando que “a ideia de si como corpo tem um peso, é precisamente o que chamamos ego”. Mas é o ego de Artista, de Joyce, que tem a função reparadora muito específica, singular, no nó Joyce. Um nó diferente do nó borromeano do neurótico e também do nó da paranoia, o nó de trevo.

Palavras-chave:

RSI; James Joyce; Ego; Sinthoma.

Joyce among us

Abstract

In this paper we seek to discuss the singularity of the node when it comes to the Joyce case. Lacan insists on the seminar *The sinthome* that the imaginary is the body, and that the image, although confused, that we have of our body is relative. And in Joyce, from his autobiography, he sees disgust for his own body. Therefore, only the imaginary would have to leave, slide like “ripe fruit peel.” The imaginary, in this knot, “is not bogged down borromeantly to what is chain with the real and unconscious,” says Lacan, since Joyce does not identify with his body, does not love his body. Lacan is emphasizing that “the idea of the self as a body has a weight, it is precisely what we call ego.” But it is the Artist’s ego, by Joyce, that has the very specific, singular reparative function in the Joyce node. A different node from the neurotic’s Borromean node, and also from the paranoia node, the clover node.

Keywords:

RSI; James Joyce; Ego; Sinthoma.

Joyce entre nosotros

Resumen

En este artículo buscamos discutir la singularidad del nudo cuando se trata del caso Joyce. Lacan insiste en el seminario *El sinthome* que lo imaginario es el cuerpo, y que la imagen, aunque confusa, que tenemos de nuestro cuerpo es relativa. Y en Joyce, de su autobiografía, ve disgusto por su propio cuerpo. Por tanto, solo lo imaginario tendría que salir, se desliza como “piel de fruta madura”. Lo imaginario, en este nudo, “no se empantana borromeamente a lo que está encadenado con lo real y lo inconsciente”, dice Lacan, ya que Joyce no se identifica con su cuerpo, no ama su cuerpo. Lacan está enfatizando que “la idea del yo como cuerpo tiene un peso, es precisamente lo que llamamos ego”. Pero es el ego del Artista, de Joyce, el que tiene la función reparadora muy específica y singular en el nudo de Joyce. Un nudo diferente del nudo borromeo del neurótico, y también del nudo de la paranoia, el nudo del trébol.

Palabras clave:

RSI; James Joyce; Ego; Sinthoma.

Joyce parmi nous

Resumé

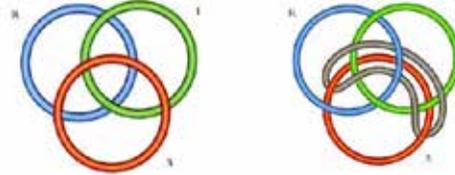
Dans cet article, nous cherchons à discuter de la singularité du nœud dans le cas de Joyce. Lacan insiste sur le séminaire *Le sinthome* que l’imaginaire est le corps, et que l’image, bien que confuse, que nous avons de notre corps est relative. Et dans Joyce, de son autobiographie, il voit le dégoût pour son propre corps. Par conséquent, seul l’imaginaire devrait partir, glisser comme « écorces de fruits mûrs ». L’imaginaire, dans ce nœud, « ne s’enlise pas en empruntant à ce qui s’enchaîne avec le réel et l’inconscient », dit Lacan, puisque Joyce ne s’identifie pas à son corps, n’aime pas son corps. Lacan insiste sur le fait que « l’idée de soi comme corps a un poids, c’est précisément ce que nous appelons l’ego ». Mais c’est l’ego de l’Artiste, par Joyce, qui a la fonction réparatrice très spécifique et singulière dans le nœud de Joyce. Un nœud différent du nœud borroméen du névrosé, et aussi du nœud de paranoïa, le nœud de trèfle.

Mots-clés :

RSI ; James Joyce ; Ego ; Sinthoma.

Na primeira aula do *Seminário 23: o *sinthoma**, do dia 18 de novembro de 1975, Lacan nos apresenta a escrita de dois nós: o primeiro com três elos, imaginário, simbólico e real, separados uns dos outros. O segundo nó nos mostra a possibilidade de ligá-los com um quarto elo, o *sinthoma*, o qual denominava, no *Seminário 22: R.S.I., Nome do Pai* (Lacan, 1973, p. 21, inédito).

Figura 1. Os três anéis separados e, depois, ligados pelo *sinthoma*, o quarto.



Fonte: Lacan, 1975-1976/2007, p. 21.

“Na falta de outros recursos confio no meu nó”, afirma Lacan (1975-1976, aula de 10 de fevereiro de 1976, inédito), evidenciando seu novo método de pesquisa, o “método borromeo”, conforme propõe Bousseyroux (2014). E é a partir do caso Joyce que, no mesmo seminário, traz o quarto elo como essencial. E também se pergunta: como alguém pode, por sua arte, chegar a enodar, restabelecer laços entre R. S. e I. quando desenodados?

É importante apreender, no segundo nó apresentado, que a ligação entre *sinthoma* e inconsciente (que assimila ao simbólico), própria da estrutura de enodamento do nó borromeo de quatro, faz com que esses elos, *sinthoma* e inconsciente, entrem em ressonância. Disso se pode depreender, para a clínica, que é justamente essa estruturação do nó o que permite os efeitos do equívoco, como modo de interpretação, no tratamento. Lacan o atribui à sua cumplicidade.

O sintoma neurótico, edipiano, como quarto elo, pode reparar um lapso no enodamento borromeo de três. No entanto, o caso Joyce evidencia, para Lacan, que esse nó de quadro assim constituído não corresponde ao modo singular de amarração que encontrou no escritor. Procura, então, averiguar como poderia ser a amarração nesse caso, antecipando já que também não se trataria da que está presente no que chamou nó de trevo, em que R. S. e I. estão em continuidade.

A resposta a essa questão veio a Lacan sobretudo por meio do caminho aberto por suas investigações sobre três aspectos: a relação frouxa de Joyce com seu corpo, sua posição quanto ao pai, demissionário de suas funções, e também suas observações sobre as relações de Joyce com a língua e com a linguagem, deter-

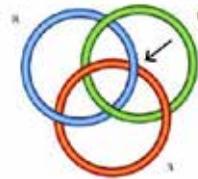
minantes das características singulares de sua produção literária, que, em última instância, definem a amarração do nó do escritor.

O corpo

Quanto às relações de Joyce com seu corpo, que correspondem a uma desamarração do imaginário do nó de três, Lacan busca índices dessa liberação no próprio relato de Joyce, em sua autobiografia ficcional *O retrato do artista quando jovem* (Joyce, 1918/2017), no qual confessa sua reação a uma surra que levava de colegas ainda quando criança. Indignado com o cruel episódio, no entanto, ao voltar para casa, percebeu que algo estranho lhe acontecia, sentia que uma força oculta lhe ia retirando a camada de ódio acumulada até o momento, com a mesma facilidade como se desprende a suave pele de uma fruta madura, de modo a não sentir mais nada, nem ódio, nem rancor.

Lacan insiste, em seu *Seminário 23: o sinthoma* (1975-1976/2007), que o imaginário é o corpo e que a imagem, ainda que confusa, que temos de nosso corpo é relativa a afetos. Em Joyce, em sua descrição do que sentira, vê asco pelo próprio corpo. Por isso, continua, quanto ao nó, só restou ao imaginário cair fora. Ele desliza como “casca de fruta madura”, como explica, à página 147, mostrando com uma setinha que, na escrita do nó, se o terceiro elo passar por cima do R, em vez de passar por baixo, o resultado é o desenlace de I.

Figura 2. O nó que rateia.



Fonte: Lacan, 1975-1976/2007, p. 147.

O imaginário, nesse nó, “não está enodado borromeamente ao que faz cadeia com real e inconsciente”, já que Joyce não se identifica com seu corpo, não ama seu corpo. Lacan está realçando que “a ideia de si como corpo tem um peso, é precisamente o que chamamos ego” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 146). E que é o ego de Artista, de Joyce, que tem uma função reparadora muito específica, singular, no nó Joyce.

O pai

A posição do pai de Joyce pode ser apreendida de uma carta de saudação que lhe enviou por ocasião de seu aniversário, como relata Richard Hellman (1959/1989, p. 791), seu principal biógrafo. Nessa carta, confessa sua demissão da função paterna, ao reforçar o lugar privilegiado de Joyce na série familiar:

Devo lhe pedir para me perdoar... pelo que eu poderia ter sido... você é meu Filho mais velho, eu tenho sempre venerado o seu ser como um digno representante de *nossa* família, alguém de quem meu pai seria orgulhoso. Eu agora espero apenas que você possa realizar as ideias dele em sua vida...

Na lição de 21 de janeiro de 1975, de *R.S.I.*, Lacan (1974-1975, inédito) define que, para que não haja efeito de forclusão, são necessárias duas condições: o sintoma de gozo e “um dizer”.

Quanto ao sintoma de gozo, conforme Soler (2018), pode-se pensar que é preciso que o pai instaure um laço específico com uma mulher que ele adquiriu para fazer filhos. E com esses tenha “cuidado paterno”, sendo esse o nome da ação constituinte da linhagem familiar. Se voltarmos à carta paterna, é justamente por ter sido omissa quanto a essa função que o pai de Joyce se culpa.

Em relação a “um dizer”, de difícil compreensão, Lacan, na mesma lição de *R.S.I.*, nos dá dicas: “Um pai, se for educador diligente, pecaria quanto a esse mandamento do meio-dizer.” Ou ainda, “nada pior que o pai que profere lei sobre tudo. Nada de pai educador, mas, antes, alijado de todos os magistérios” (Lacan, 1974-1975, inédito).

Vê-se que essas duas condições evidenciam o quanto Lacan se distancia de uma exaltação da família e do trabalho com (ou como?) significantes referidos a supostas virtudes paternas que supostamente excluiriam a possibilidade de forclusão.

Mas Lacan ainda avança. A exclusão dos efeitos da forclusão só seria assegurada pela existência do dito, e, como interpreta Soler, dito do filho. Quaisquer que sejam os traços do pai, a demissão de seu lugar só pode ser considerada a partir da enunciação do filho. Portanto, diria respeito à “insondável decisão do ser”. Em seu último livro, *Finnegans Wake* (1939), Joyce dá testemunho disso. *To Wake* significa despertar-se. *The Wake* significa velório, mas também estrela, via para o final da noite. Joyce se incumbe de decifrar o próprio enigma e de, com seu saber-fazer de artista, assumir a missão de “sustentar o pai para que subsista”.

A escrita

Chamam a atenção de Lacan os efeitos das “palavras impostas”, assim como das palavras por Joyce apreendidas, mesmo que não compreendidas, de diálogos entre seu pai e seu tio, que desde muito pequeno escutava e se obrigava a decorar.

Joyce, diz Lacan, é o “escritor do enigma por excelência”; Joyce anula o símbolo; Joyce é desabonado do inconsciente, não há nada analisável em seu sintoma. Seu inconsciente não se deixa comover pelos equívocos de lalíngua. Só podemos de seu trabalho o gozo com as letras, “gozo opaco” pelo uso singular que faz do equívoco, subtraindo-o do sentido.

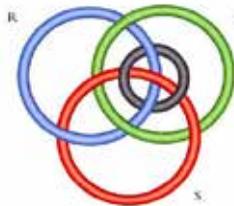
Lacan está se referindo particularmente a *Finnegans Wake* (1939), último romance de Joyce, que revoluciona a literatura. Joyce eleva os equívocos que produz à potência de linguagem, processo condicionado por lalíngua, já que, como indica Phillippe Sollers, trata-se de *les langues* (as línguas), no plural (Bousseyroux, 2014).

Finnegans Wake (1939) é um imenso trabalho de condensações e de deslocamentos translinguísticos, hipercalculados, que se desenrola de 1921 a 1938 e que impede qualquer pista para a decifração do inconsciente de Joyce. Daí a destruição da linguagem a que Joyce se dedica, que inclui a dissipação em lalíngua, que perde, ela mesma, sua identidade, funde-se nas línguas.

Seu sintoma é, no entanto, conectado à linguagem, ainda que desconectado de lalíngua, e “tem uma relação com *joy*, o gozo, tal como é escrito na lalíngua inglesa — por ser essa gozação, por ser este gozo, a única coisa do seu texto que podemos pegar” (Lacan, 1975-1976/2007, p. 163).

Com seu ego, “*Book himself*”, no dizer de Lacan, que o escreve com o pequeno elo na cor preta, corrige-se a relação faltante do imaginário que deslizara.

Figura 3. O ego que corrige.



Fonte: Lacan, 1975-1976/2007, p. 148.

Seu “ego corretor” restabelece um enodamento de quatro, mas não o do nó borromeo, próprio da neurose, mas com sua função de suplência sintomática que supre o que a forclusão produzira, o imaginário que se soltara. A liberdade do imaginário seria loucura de Joyce que seu ego conseguiu deter.

Toda a obra literária de Joyce é uma denúncia da posição política da Irlanda de submissão à Inglaterra e a Roma. Como consequência, a perda da própria língua e, consequentemente, a progressiva perda da identidade social, cultural e religiosa de seu povo.

Nas últimas décadas do século XX, o caráter político da obra de Joyce tem estado no foco de estudiosos, sendo possível aproximar sua análise política da Irlanda do que Giorgio Agamben considera o novo da fase atual do capitalismo, o interesse deste pelo processo de dessubjetivação dos sujeitos. As sociedades contemporâneas se apresentam, assim, como descrevia a Irlanda, como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação, que não correspondem a nenhuma subjetivação real. Nas palavras do filósofo, “não dão mais lugar à recomposição de um novo sujeito, a não ser de forma larvar, e, por assim dizer, espectral. Na não verdade do sujeito assim produzido não há mais de modo algum a sua verdade” (Agamben, 2006, p. 47).

Para Joyce, a possibilidade de re-apresentação poética dessa paralisia moral de sua pátria, e até dele mesmo, lhe dá a certeza de sua vocação de artista. A pobreza, a dor, a cegueira intermitente, nada pôde deter esse projeto de Joyce.

Referências bibliográficas

- Agamben, G. (2009). *O amigo & o que é um dispositivo*. Santa Catarina: Argos Editora.
- Bousseyroux, M. (2014). *Lacan el Borromeo: ahondar en el nudo*. Madri: S&P Ediciones.
- Hellmann, R. (1989). *James Joyce*. São Paulo: Globo. (Trabalho original publicado em 1959)
- Joyce, J. (2003). *Exilados*. São Paulo: Iluminuras.
- Joyce, J. (2017). *O retrato do artista enquanto jovem*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: R.S.I*. Inédito.
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. (Trabalho original publicado em 1975-1976)
- Soler, C. (2018). *Lacan leitor de Joyce*. São Paulo: Aller.

Recebido: 24/11/2020

Aprovado: 03/02/2021